

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

Leticia Resende de Avellar

**O ADOECIMENTO DO SER- O CORPO COMO DENUNCIANTE DO
SOFRIMENTO EXISTENCIAL**

BELO HORIZONTE
2020

Leticia Resende de Avellar

**O ADOECIMENTO DO SER- O CORPO COMO DENUNCIANTE DO
SOFRIMENTO EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Saleth Salles Horta

BELO HORIZONTE
2020

150 A949a 2020	<p>Avellar, Leticia Resende de.</p> <p>O adoecimento do ser [recurso eletronico] :o corpo como denunciante do sofrimento existencial / Leticia Resende de Avellar. - 2020.</p> <p>1 recurso online (30 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Saleth Salles Horta.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt Terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Doentes (Psicologia). 2.Fenomenologia. I. Horta, Saleth Salles. II .Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL

Folha de Aprovação O ADOECIMENTO DO SER- O CORPO COMO DENUNCIANTE DO
SOFRIMENTO EXISTENCIAL

LETICIA RESENDE DE AVELLAR

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e um de outubro de 2020**,
pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE
EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos
seguintes professores:

Saleth Salles Horta - Orientadora FAFICH/UFMG

José Paulo Giovane FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 03 de março de 2022.

Prof^a. Dr^a. Claudia Lins Cardoso Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves**

Ribeiro, Chefe de seção, em

03/03/2022, às 10:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento
no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 08/03/2022, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1285074** e o código CRC **764C600E**.

Referência: Processo nº 23072.230660/2021-16SEI nº 1285074

Leticia Resende de Avellar

**O ADOECIMENTO DO SER- O CORPO COMO DENUNCIANTE DO
SOFRIMENTO EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Belo Horizonte, 30 de Setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Saleth Salles Horta

Prof. José Paulo Giovanetti

Dedico este trabalho a Deus que cuida de mim em todos os momentos, aos meus pais Pedro e Silvânia que me dedicam tanto amor, ao meu amado Marcelo- companheiro de todas as horas, e ao meu querido irmão Lucas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por guiar meu caminho e iluminar minhas escolhas, creio que Ele se faz presente em tudo na minha vida! Agradeço meus pais pelo incentivo e por possibilitarem a realização de tantas viagens à capital mineira. Sou grata ao meu noivo Marcelo pela parceria e por estar sempre ao meu lado. Agradeço aos meus familiares, amigos e professores. Agradeço especialmente à professora Saleth Sales Horta, minha orientadora de monografia e inspiração como profissional e como Ser Humano. Agradeço também à minha amiga Rose, minha dupla nos trabalhos, no ônibus e no pensionato!

RESUMO

Tendo em vista que o adoecimento é inerente ao Ser Humano e buscando compreender melhor este tema, foi realizado um aprofundamento em obras consagradas, utilizando a Fenomenologia como teoria de base. De acordo com esta teoria, a existência humana se faz no encontro entre pares, por isso, sua característica fundamental é “ser-no-mundo-com-os-outros”. O mundo influencia o Ser, assim como este exerce influência sobre o mundo. Através das trocas constantes entre o mundo e o ser, o indivíduo vai se estruturando e se desenvolvendo. Sendo assim, as relações estabelecidas entre os seres humanos são fundamentais para a construção do sujeito. Desde a infância, a maneira como as relações são experienciadas têm influência direta sobre o desenvolvimento saudável do sujeito. Outro fator que atua no equilíbrio do indivíduo é a existência de um ambiente seguro e empático, que pode ser propiciado pela família que fornece, então, à criança, o sentimento de confiança nos seus pares e no mundo. Pensando no que seria saudável para o Ser, diferentes abordagens explicam o que é saúde. Para a fenomenologia, o ser saudável está aberto às possibilidades e limitações da vida e se atualiza em consonância com o mundo. Nos casos em que acontece o adoecimento, há um comprometimento do Ser nas relações estabelecidas com o mundo e consigo. O adoecimento pode originar-se de diferentes questões e o não reconhecimento dos sofrimentos tem um papel fundamental no processo de adoecer. O adoecimento afeta a existência como um todo e os sintomas sentidos no corpo podem restringir ainda mais o Ser no que tange sua abertura às possibilidades. O corpo possui extrema importância para o Ser. Ele expressa a forma como nos relacionamos com o mundo e acusa o sofrimento que o Ser está passando em sua existência. Portanto, o adoecimento de qualquer aspecto do Ser, está relacionado à existência como um todo. Salienta-se, então, o papel de ajuda que a psicoterapia pode oferecer ao Ser, no que tange o desenvolvimento de uma maior consciência de si e dos seus sofrimentos e de uma abertura às possibilidades da vida, bem como ao enfrentamento de todas as adversidades que lhe surgirem.

Palavras-chave: Adoecimento. Fenomenologia. Corporeidade.

ABSTRACT

In view of the fact that illness is inherent to the Human Being and seeking to better understand this theme, it was carried out a deepen study of renowned works, using Phenomenology as the basic theory. According to this theory, human existence is made in the encounter between peers, therefore, its fundamental characteristic is “being-in-the-world-with-others”. The world influences the Being, just as it influences the world. Through constant exchanges between the world and the being, the individual is being structured and developed. Thus, the established relationships between human beings are essential to the construction of the subject. Since childhood, the way relationships are experienced has a direct influence on the healthy development of the subject. Another factor that acts on the balance of the individual is the existence of a safe and sympathetic environment, which can be provided by the family, which then provides the child the feeling of trust in their peers and in the world. Thinking about what would be healthy for the Being, different approaches explain what health is. For the phenomenology, the healthy being is open to the possibilities and limitations of life and is updated in line with the world. In cases where illness occurs, there is a commitment of the Being in the relationships established with the world and with themselves. Sickness can originate from different issues and the lack of recognition of suffering plays a fundamental role in the process of falling ill. Illness affects the existence as a whole and the symptoms felt in the body can further restrict the Being in terms of its openness to the possibilities. The body is extremely important for the Being. It expresses the way we relate to the world and show the suffering that the Being is going through in its existence. Therefore, the illness of any aspect of the Being, is related to the existence as a whole. We emphasize, then, the helping role that psychotherapy can offer to the Being, with regard to the development of a greater awareness of themselves and their sufferings and an opening to the possibilities of life, as well as facing all adversities that arise.

Keywords: Illness. Phenomenology. Corporeality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O SER EM RELAÇÃO- UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXISTÊNCIA HUMANA	13
3 O SER É CONSTRUÍDO NAS RELAÇÕES- UM PASSEIO SOBRE AS OBRAS DE ALICE MILLER	19
4 O ADOECIMENTO DO SER E SUAS MANIFESTAÇÕES NO CORPO	23
4.1 A SAÚDE E A DOENÇA	23
4.2 A CORPOREIDADE	26
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu de uma inquietação a respeito do adoecimento. Popularmente diz-se que ‘quando a boca cala, o corpo fala’. Buscando compreender o que é e de que maneira esse corpo fala, assim como almejando entender as origens do adoecimento, foi realizado um aprofundamento em obras consagradas sobre os temas adoecimento e corporeidade.

Bem como toda casa precisa de uma fundação sólida, que sustente toda a construção, as ideias, concepções e inferências também precisam de uma base firme. A teoria que fundamentou este trabalho foi a fenomenologia. Esta, iniciada por Husserl, é um movimento filosófico que, entre outras coisas, reconhece “que o homem não existe por si só, isolado do mundo que o cerca” (Cardoso, 1999, p. 7).

Partindo da concepção de que a existência humana se faz no encontro entre pares, no capítulo “O ser em relação- um olhar fenomenológico sobre a existência humana”, foi apresentada e discutida a característica fundamental da existência humana de “ser-no-mundo”. Através das trocas constantes entre o mundo e o ser, o indivíduo vai se estruturando e se desenvolvendo. O mundo, portanto, refere-se ao ambiente propriamente dito, ao encontro do ser com seus pares e ao mundo próprio do ser, relacionado ao autoconhecimento e consciência de si mesmo. Foram explicitadas as dimensões temporalidade e espaço, significativas para o Ser. A temporalidade se faz presente no mundo como testemunha do presente, passado e futuro. O espaço, fator significativo para o sujeito, parte das extensões do corpo.

Baseado na ideia de que as relações estabelecidas entre os seres humanos são fundamentais para a construção do sujeito, no capítulo “O ser é construído nas relações – um passeio sobre as obras de Alice Miller”, são apontados argumentos defendidos por esta autora. Para Miller, a maneira como as relações são experienciadas desde a infância têm influência direta sobre o desenvolvimento saudável do sujeito. Ela aponta a relevância da primeira relação humana – a da mãe e bebê- para a criança. As primeiras relações são capazes de sanar a necessidade humana de sentir-se amado, a criança “procura contato amoroso e é feliz ao recebê-lo” (Miller, 1997). Outro fator que atua no equilíbrio do indivíduo é a existência de um ambiente seguro e empático, que pode ser propiciado pela família que fornece, então, à criança, o sentimento de confiança nos seus pares e no mundo.

A partir da concepção da importância das relações para o desenvolvimento saudável do Ser, atentou-se para a relevância de um aprofundamento sobre os aspectos relativos à saúde e à doença. O capítulo “ O adoecimento do ser e suas manifestações no corpo”, mais especificamente no tópico “A saúde e a doença”, foram elencadas diferentes definições de

saúde, sob diferentes óticas. Para a fenomenologia, que fundamentou este trabalho, o ser saudável está aberto às possibilidades e limitações da vida e se atualiza em consonância com o mundo. Nos casos em que acontece o adoecimento, há um comprometimento do Ser nas relações estabelecidas com o mundo e consigo. O adoecimento pode originar-se de questões sociais, orgânicas, ambientais e laborais, e o não reconhecimento dos sofrimentos tem um papel fundamental no processo de adoecimento.

O adoecimento afeta a existência como um todo e os sintomas sentidos no corpo podem restringir ainda mais o Ser no que tange sua abertura às possibilidades. Com base nisto, no tópico “A Corporeidade” aborda a importância do corpo para o Ser. O corpo expressa a forma como nos relacionamos com o mundo e, muitas vezes, acusa o sofrimento que o Ser está passando em sua existência.

Conclui-se, portanto, que o adoecimento, seja manifestado pelo corpo ou por outro aspecto do Ser, está relacionado à existência como um todo. Para tanto, a psicoterapia pode exercer o papel de ajuda para que o Ser desenvolva uma maior consciência de si e dos seus sofrimentos e, assim, se abra às possibilidades da vida e enfrente todas as adversidades que lhe surgirem.

2 O SER EM RELAÇÃO- UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXISTÊNCIA HUMANA

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova:

- O gesso muito branco, as linhas muito puras –

Mal sugeria imagem de vida

(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.

O tempo envelheceu-a, carcomeu-a,

manchou-a de pátina amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,

impregnaram-na da minha humanidade

irônica e tísico.

Um dia mão estúpida

inadvertidamente a derrubou e partiu.

Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles

tristes fragmentos, recompus a figurinha

que chorava. E o tempo sobre as feridas

escureceu ainda

mais o sujo mordente da pátina...

Hoje esse gessozinho comercial

É tocante e vive, e me fez agora refletir

Que só é verdadeiramente vivo o que já

sofreu.

Manuel Bandeira

A racionalidade, o pensamento e a reflexão são características que diferenciam o Homem dos outros mamíferos. A história retrata a presença destas características desde tempos longínquos. Muitos dedicaram uma vida inteira conjecturando sobre aspectos, desde simples até muito complexos, da realidade, desenvolvendo assim teorias e tratados que impactam nossas vidas ainda na atualidade. Um desses representantes foi Husserl, que no início do século XX, deu início à fenomenologia, “pretendendo estabelecer o fundamento radical da Filosofia, bem como a base primordial de todo o saber humano”. Seu objetivo foi alicerçar o conhecimento através da identificação das estruturas fundamentais dos fenômenos (Augras, 1986, p. 15).

A fenomenologia realça a importância em se compreender o ‘fenômeno’, a fim de se obter um entendimento sobre a realidade humana. Então, o que seria o ‘fenômeno’? Para Husserl, o fenômeno é “a única coisa à qual temos acesso imediato e intuição originária”, sendo o fenômeno o que “integra a consciência e o objeto” no ato de significação. Neste ato de significação, de atribuição de sentido, faz-se presente a intencionalidade, que “unifica a consciência e o objeto, o sujeito e o mundo” (Forghieri, 2004, p. 14 e 15).

As diferentes formas de pensamento se configuram por intermédio de características específicas, que em conjunto formam a totalidade de uma teoria. A fenomenologia, por exemplo, lança mão da descrição como recurso para compreender o fenômeno. A abertura ao fenômeno procura ser a mais ingênua possível, livre de preconceitos, a fim de realizar uma redução que apreenda o significado do fenômeno, a sua essência (Augras, 1986, p. 16).

Compreender o fenômeno humano não é tarefa fácil. A existência humana está envolta em muitas contrariedades. Uma delas consiste no consenso de que não há dois seres humanos iguais, ou seja, cada pessoa é única. No entanto, a fenomenologia defende que, apesar das peculiaridades inerentes ao Ser Humano, há certa “comunalidade” na humanidade, há aspectos comuns a todos os seres. “Todos nós vivemos no mundo e existimos uns com os outros, com a capacidade de nos aproximarmos e de compreendermos mutuamente as nossas vivências” (Forghieri, 2004, p. 19).

Sendo assim, a existência humana se faz no encontro entre os pares. “Existir é coexistir” (Augras, 1986, p. 12). O sentido dado ao mundo tem sua origem na constituição de cada sujeito e nas trocas entre os diferentes sujeitos, a partir do “encontro que se estabelece entre eles” (Forghieri, 2004, p. 19). Conforme explanação de Augras (1986):

“O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas sim o significado que transparece na interseção de minhas experiências e das experiências alheias, pela engrenagem de umas com as outras, e portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que chegam à unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência alheia na minha”.

Refletindo sobre o que é comum (partilhado) à humanidade, constatamos que uma característica fundamental da existência humana é ‘ser-no-mundo’. ‘Ser’ compreendido como verbo aponta para a capacidade do Homem agir sobre as coisas, já ‘Ser’ analisado como substantivo demonstra a possibilidade do Homem sofrer influência da ação de algo para além dele, ou seja, ser influenciado pelo mundo. Por isso, o homem depende do mundo, assim como o mundo depende do homem para existirem. Posto isto, Forghieri (2004) sustenta a relevância

das vivências cotidianas na constituição das atividades humanas, assim como na determinação dos objetivos e ideais do sujeito (Forghieri, 2004, p. 28).

“Ser-no-mundo é existir para si e para o mundo”, havendo, portanto, trocas constantes entre estes dois elementos – ser e mundo. Inserido no mundo estão os pares do Homem, seus semelhantes. Neste mundo partilhado, “ser com os outros assegura a realidade, isto é, a coexistência do indivíduo com os demais fornece a compreensão do mundo”. Sendo a coexistência a essência do mundo humano, entendemos o Homem como um ser social que depende do encontro com os demais para que ocorra seu o crescimento individual. Compreender a si mesmo implica o reconhecimento da coexistência, a partir disso pode haver a compreensão do outro. No mundo da coexistência o outro fornece um modelo para a construção da imagem de si. (Augras, 1986, p. 12, 55 e 56).

A construção do sujeito, portanto, é o resultado das trocas entre ele e o mundo. Sendo assim, os acontecimentos experienciados no mundo estão envolvidos na formação da personalidade de cada ser humano, portanto, “precisamos do ‘mundo’ para sabermos onde estamos e quem somos” (Forghieri, 2004, p. 28). Alicerçando tal concepção, Heidegger explicita que “a essência do homem está em se ser relativamente a algo ou alguém” (Heidegger, 1971 apud Forghieri, 2004, p. 28). Esta visão também é explanada por Boss, quando o mesmo esclarece que “o ser-no-mundo do homem é uma ocorrência concreta que se realiza nas múltiplas formas do comportamento humano e nas diferentes maneiras dele relacionar-se às coisas e às pessoas” (Boss, 1963 apud Forghieri, 2004, p. 28).

Como dito anteriormente, o sujeito e o mundo coexistem necessariamente, ambos atualizam-se e transformam-se mutuamente. “A percepção do mundo está relacionada à coexistência do sujeito e do objeto, na sua interdependência. A consciência do objeto é também consciência de si. A percepção do objeto pelo sujeito é parte integrante desse objeto” (Augras, 1986, p. 11 e 20).

Mas o que seria o ‘Mundo’ no qual o Homem está inserido e o qual faz parte da sua constituição enquanto sujeito? Segundo Binswanger, “mundo pode ser compreendido como o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe” (Binswanger, 1967, apud Forghieri, 2004, p. 29).

Baseado nas diferentes relações existentes, encontrou-se três subdivisões que facilitam a compreensão do ‘Mundo’. Há o mundo circundante, referente à relação da pessoa com o

ambiente, que abrange as condições externas e o próprio corpo do sujeito. O corpo tem o poder de unificar as sensações e percepções de si e as referentes ao mundo. O homem habita no mundo e a ele se abre com muitas possibilidades, havendo assim, um movimento dialético entre o ser humano e mundo circundante, ou seja- o sujeito precisa se adaptar ao mundo circundante e está sempre tentando exercer alguma ação sobre a natureza e sobre seu próprio corpo (Forghieri, 2004, p. 30).

Há também o mundo humano referente ao encontro e convivência do sujeito com as outras pessoas. A relação entre seres humanos é fundamental para a existência humana, existir é ser-com o outro. Na relação do homem com seu semelhante, ocorre o desenvolvimento de potencialidades, como o amor, a liberdade e a responsabilidade.

Outra forma de relação importante para o ser humano é a estabelecida com si próprio, ou seja, com seu mundo próprio, mediante a consciência de si e o autoconhecimento. A existência humana não é estática, ela é composta de ações passadas, pela forma como se está sendo no presente e pelos planos voltados para o futuro (Forghieri, 2004, p. 32).

Portanto, o ‘Mundo’ engloba as relações do Homem com o ambiente, com as outras pessoas e consigo próprio. Estas relações apontam que “a existência humana está ligada aos entes do mundo e é definida pelos significados atribuídos a estes entes” (Boss, 1979, apud Forghieri, 2004, p. 35). O mundo é percebido pelo Ser Humano dentro de seu contexto e em relação a si próprio (Berg, van den, 1973, apud Forghieri, 2004, p. 35). Por isso, o Homem é influenciado, a todo momento, pelas condições externas e ambientais, pelo seu próprio corpo, pelo relacionamento que possui com as outras pessoas e pela forma como conhece a si próprio, não deixando de ser ativo em todo esse processo. Na voz de Augras (1986), “o homem- suporte da natureza e autor da história- fundamenta-se na consciência de si e do mundo”.

A influência que o Homem recebe na relação com os diferentes entes do ‘Mundo’ se dá no tempo, num momento do passado, do presente ou do futuro. A existência humana está assentada na temporalidade, no experienciar o tempo. Ela está constantemente “saindo de si mesma, transcendendo a situação imediata, em direção a algo que ainda poderá ser para completar-se, ou totalizar-se”. O sujeito experiencia seu existir como um fluxo contínuo, num presente perene que abrange o que já aconteceu e o que está por vir (Forghieri, 2004, p. 42).

O tempo tem um papel fundamental para a humanidade. Jargões como ‘tempo é dinheiro’, ‘há tempo de plantar e tempo de colher’, ‘o tempo não pára’ e ‘tudo no tempo de

Deus', demonstra o quanto o tempo está presente e direciona as diferentes dimensões da vida. "O tempo manifesta-se como orientação significativa do ser, ele é extensão e criação da realidade humana" (Augras, 1986, p. 27).

Existe um paradoxo relacionado ao tempo- mesmo sendo condição da existência humana, ele garante também a sua impermanência, pois o homem cria o tempo, mas não o determina (Augras, 1986, p. 27). Portanto não há controle sobre o tempo, a ciência inova na busca de ampliar o tempo de vida das pessoas, muitos esforçam-se para combater os efeitos do passar dos dias sobre seus próprios corpos, mas apesar de todos os medicamentos e técnicas possíveis, o tempo deixa suas marcas e um dia se esgota para todos. Heidegger caracteriza o tempo "como horizonte da compreensão do ser, a partir da temporalidade como componente do ser" (Heidegger, apud Augras, 1986, p. 27).

Sendo a temporalidade componente do Ser, ela está presente no mundo circundante (relacionado ao ambiente, às condições externas e ao próprio corpo do sujeito) como testemunha do passado, no aspecto biológico e nos processos fisiológicos. Heidegger destaca que "o passado jamais segue o ser, mas o precede" (Heidegger, apud Augras, 1986, p. 30). O significado de um acontecimento passado se transforma simultaneamente com a história do indivíduo, conseqüentemente, o passado não é imutável e pode ser ressignificado.

Se diz que 'o presente é um presente'. No mundo humano, referente à coexistência e convivência social, o tempo presente é significativamente acentuado. O presente é o tempo da ação imediata, da experiência atual. Já no mundo próprio, assinalado pelo futuro, há o estabelecimento do ser em sua especificidade. O futuro é uma dimensão definida por hipóteses e suposições. Ele "jamais é dado, é sonhado, temido, mas nunca conquistado", ele "também atua enquanto esperança ou receio" (Augras, 1986, p. 30, 31 e 32).

Já tendo sido relatada a importância do tempo para a existência humana, outra dimensão se apresenta como significativa do ser- o espaço. "A dimensão do espaço humano é criada segundo as extensões do corpo. O ser é o seu centro. O movimento do ser dentro do mundo dá orientação ao espaço (Augras, 1986, p. 38 e 39). Como dito anteriormente o corpo unifica as sensações e percepções de si e as referentes ao mundo, ele é a fronteira entre o sujeito e o mundo. Para Heidegger "O espaço só pode ser compreendido a partir do mundo", ou seja, é a organização do mundo dos objetos que orienta os lugares (Heidegger, apud Augras, 1986, p. 39).

A dimensão do espaço também atua na característica do Homem ser um ser social, que está-no-mundo-com-os-outros. Nesta coexistência do ser com seu semelhante, são criadas redes de aproximação e distanciamento, de maneira que haja movimentações recíprocas. O espaço humano possui como condição de sobrevivência a sua não invasão, assim como os limites corporais também não aceitam ser invadidos. Augras (1986) explicita que

“O corpo estabelece o espaço interno, ao mesmo tempo que funciona como elemento de comunicação com o espaço externo. É limite do indivíduo e fronteira do meio. A consciência de ser um corpo parece indispensável à diferenciação entre eu e não eu. Fazendo parte ao mesmo tempo do sujeito e do objeto, o corpo tem por função estabelecer a relação entre o eu e o mundo exterior (p. 42 e 43)”.

Tendo em vista as dimensões tempo e espaço e a importância destas para o ser, constatase que o corpo atesta a passagem do tempo, trazendo à tona a impermanência e as ameaças do futuro. Além disso, o corpo e a imagem que se tem dele são construções sociais que se desenvolvem desde a infância com as primeiras descobertas e pelas transformações inerentes ao processo de crescimento (Augras, 1986, p. 45 e 46). Portanto, existir requer uma abertura ao que se apresenta- aos fenômenos, e abrange uma amplitude de possibilidades de escolhas e de decisões. As escolhas são baseadas nas vivências do sujeito e nas de seus semelhantes, e requerem responsabilidade perante a imprevisibilidade e impermanência inerente à vida (Forghieri, 2004, p. 47, 48). Como o Ser recebe influência de seus pares e também os influencia, é de extrema relevância compreender melhor o papel destas relações para a vida dos sujeitos.

3 O SER É CONSTRUÍDO NAS RELAÇÕES- UM PASSEIO SOBRE AS OBRAS DE ALICE MILLER

(...) Minha dor é perceber

Que apesar de termos

Feito tudo o que fizemos

Ainda somos os mesmos

E vivemos

Ainda somos os mesmos

E vivemos

Como nossos pais (...)

Belchior

Uma visão fenomenológica do Homem e a percepção da relação entre o sujeito e o mundo nos leva ao conceito de ‘ser-no-mundo’ como característica essencial da existência humana. O mundo para este ser é um mundo compartilhado. Esta partilha se dá entre o sujeito e seus pares, portanto, as relações estabelecidas entre os seres humanos são fundamentais para a construção do sujeito.

As relações experienciadas desde a infância deixam marcas na vida das pessoas. Os relacionamentos estabelecidos na infância propiciam o desenvolvimento saudável ou não do indivíduo. A criança está disponível, aberta a se relacionar. Uma relação que propicie ao sujeito vivenciar e desenvolver seus próprios sentimentos permite que aconteça o processo de individuação, no qual a criança é capaz de construir a sua própria estrutura, confiando nos seus sentimentos e conhecendo suas necessidades (Miller, 1997). O Ser precisa de seus pares para viver, a dimensão social, compartilhada, faz parte da estrutura humana, tanto que ninguém vive isolado e todos nós, seres humanos, dependemos dos outros para sobrevivermos.

Desde a gestação há o estabelecimento de uma relação. No corpo da mãe, o bebê se desenvolve e se prepara para vir ao mundo. Após o nascimento esta relação se concretiza, trazendo à tona dificuldades, prazeres e emoções antes desconhecidos por ambos. Além da relação com a mãe, o bebê precisa aprender a se relacionar com o ambiente- que não é mais tão quentinho e acolhedor como o espaço uterino; precisa aprender a se relacionar com seu próprio corpo, que agora sente fome, sente dor e outras tantas sensações; e deve lidar com as outras pessoas que aparecem na sua vida por acréscimo.

Inteirando-se da relevância da primeira relação estabelecida entre os seres humanos-entre mãe e bebê, Miller (1997) esclarece que “toda criança tem a legítima necessidade de ser notada, compreendida, levada a sério e respeitada pela mãe”, para tanto é necessário que a mãe não seja separada do recém-nascido. O Ser possui a necessidade de enraizamento, e este ocorre por meio das relações primárias. Nas famílias o Ser deveria encontrar laços que demonstrem que cada membro se pertence mutuamente, além disso, as famílias carregam consigo histórias e memórias que geram fortes vínculos compartilhados.

O sentimento de união, de pertencimento mútuo entre mãe e bebê deve estar presente desde a concepção, crescendo junto com o feto. Vivemos num mundo em que se estabelecem diferentes configurações de família, Miller (2006) reconhece que “mãe é a pessoa de referência mais importante para a criança em seus primeiros anos de vida”, ou seja, o papel materno é exercido por alguém que ofereça carinho e compreenda as necessidades da criança, de maneira empática e não dominadora.

As relações com os diferentes aspectos do Mundo (o ambiente, os pares, si próprio) podem propiciar ao sujeito o desenvolvimento de um saudável sentimento de si mesmo. “O contato natural com os próprios sentimentos e desejos dá à pessoa equilíbrio e auto-estima”. Quando a criança conta com um ambiente seguro e empático, ela pode vivenciar espontaneamente os sentimentos que aparecem, tanto os sentimentos ditos ‘bons’, assim como os considerados ‘ruins’- dor, raiva, inveja- que fazem parte de toda a escala da experiência humana. Poder vivenciar as emoções, saber lidar com as dores inerentes à vida e ter consciência das perdas e feridas que marcaram a história do sujeito, só é possível na medida em que a abertura e a liberdade para os sentimentos não tenham sido podadas na infância (Miller, 1997).

“Todo ser humano necessita do sentimento de que foi realmente amado”. Desde criança, o ser “procura contato amoroso e é feliz ao recebê-lo” (Miller, 1997). Assim como as necessidades fisiológicas, como se alimentar, se proteger do frio, precisam ser saciadas, o bebê tem necessidade de afeto, ele necessita de carinho para sobreviver. A experiência do amor é estruturante da existência e, qualquer carência pode se tornar patológica para o Ser.

Frente a esta necessidade humana- de ser amado- as primeiras relações, que geralmente são com os pais, devem proporcionar à criança um contato amoroso, que incentive a livre manifestação do ser, que pode ocorrer por meio de palavras, dos gestos e do comportamento.

A experiência da confiança é fundamental para que o Ser se estruture, por isso, as relações primárias devem oferecer segurança para o bebê desde o início de sua vida. Miller (1997) indica que:

“Todo desenvolvimento emocional de uma pessoa (e seu equilíbrio que é baseado nele) depende de como seus pais foram receptivos e responsáveis às manifestações e necessidades que ela expressou nos primeiros dias e semanas de vida (p. 84)”.

Um contato amoroso com a mãe possibilita ao bebê um desenvolvimento saudável, essencial para que possa se confirmar como um Ser. É no encontro com a mãe que se forma a identidade do bebê. No entanto, se não encontra na mãe esse contato acolhedor que precisa, seu desenvolvimento não acontece de forma saudável ou não forma uma boa identidade.

Quando a criança não é respeitada pela pessoa de referência, quando seus sentimentos e necessidades não são tolerados, de modo que as relações estabelecidas não ofereçam segurança, podem haver consequências que acompanham o sujeito por toda a sua existência (Miller, 2006). A criança não precisa de um ambiente perfeito para crescer, seria utópico pensar que existe uma forma de relação correta e sem falhas, mas ela precisa de relações boas o suficiente para que seu desenvolvimento seja saudável.

O desenvolvimento de sentimentos negativos em relação a si próprio e ao outro, assim como o surgimento de psicopatologias, como a depressão, podem estar intimamente relacionados à forma como as primeiras relações foram vivenciadas pelo sujeito, e perpetuadas para as relações posteriores. Miller esclarece que:

“Toda vida e toda infância são ricas de frustrações, e não poderia ser de outro modo, pois mesmo a melhor das mães não pode satisfazer todos os desejos e necessidades de seu filho. Mas não é o fato de sofrer frustrações que conduz à doença psíquica, e sim a proibição de vivenciar e de articular esse sofrimento (p. 284)”.

O Ser é construído nas relações! Por isso, as primeiras relações são de fundamental importância para o desenvolvimento do sujeito. A forma como estas são conduzidas pode determinar processos saudáveis ou não de existência. Quando não é permitido à criança expressar suas frustrações e lhe é necessário reprimir seus sentimentos, pode haver manifestações de enfermidades psíquicas e atitudes destrutivas como vícios, criminalidades e até suicídio (Miller, 2006).

Portanto, os pais devem oferecer à criança uma relação que se baseia em características como a ternura, devem escutá-los e levá-los a sério e desenvolver nos filhos o sentimento de confiança, acompanhando-os, estando ao lado deles sempre. Demonstrada a importância das

primeiras relações, um olhar para as relações estabelecidas pelo sujeito ao longo de sua vida e para a forma como ele as conduz, tentando compreender padrões e a história familiar, pode ser o caminho que proporcione ao Ser a experiência de uma existência mais saudável, mais autêntica. No entanto, o adoecimento é um acontecimento comum na vida das pessoas, por isso, um aprofundamento sobre os aspectos relativos à saúde e à doença pode contribuir para o entendimento desta dinâmica.

4 O ADOECIMENTO DO SER E SUAS MANIFESTAÇÕES NO CORPO

*Que vai ser quando crescer?
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?
 É ter um corpo, um jeito, um nome?
 Tenho os três. E sou?
 Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
 Que vou ser quando crescer?
 Sou obrigado a? Posso escolher?
 Não dá para entender. Não vou ser.
 Vou crescer assim mesmo.
 Sem ser Esquecer.*

Carlos Drummond de Andrade

4.1 A saúde e a doença

O Ser Humano vive num mundo compartilhado com seus pares e é, fundamentalmente, constituído pelas relações estabelecidas ao longo da sua existência. A forma como estas relações se configuram está diretamente relacionada à maneira como a existência acontece, ou seja, as relações podem determinar o quão saudável ou não o Ser se apresenta.

Existem diferentes concepções de saúde. Saúde pode ser definida como ausência de doença, pode ser levada em conta através do critério de normalidade e pode conter em seu conceito a ideia de equilíbrio. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde não é a ausência de enfermidade, mas um estado de completo bem-estar físico, mental e social (Alma-Ata, 1978). A fenomenologia também deixa sua contribuição para a compreensão acerca da saúde e da doença.

A existência pode apresentar-se, por momentos, de maneira não saudável. Nesse ínterim podem se manifestar doenças e sintomas, tanto físicos, como emocionais/psicológicos. Qual seria, então, o limiar entre saúde e doença?

O Ser saudável está aberto às possibilidades e limitações inerentes à vida. “A saúde existencial está profundamente relacionada ao modo como conseguimos estabelecer articulações eficientes entre a amplitude e as restrições de nosso existir” (Forghieri, 2004, p. 53). Portanto, uma pessoa saudável está sempre em processo de mudança e de transformação, se adaptando às diferentes demandas do mundo.

Como o Ser é um ser-no-mundo-com-os-outros, o mundo e os outros afetam e são afetados pelo Ser. Essa ideia perpassa pela concepção de processo, assim, o homem está influenciando o mundo e seus pares constantemente, tal qual também é frequentemente influenciado. Processo, então, sugere a característica de movimento, de flexibilidade e de fluidez. Em consonância, para Augras (1986), a saúde é compreendida como um processo “no qual o organismo vai se atualizando conjuntamente com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado à medida que ele próprio se transforma”. Desse modo, o Ser saudável tem a possibilidade de realizar sua liberdade e abertura em direção aos outros seres humanos.

Já que saúde é um processo no qual o Ser se atualiza e consegue lidar de forma eficiente com os conflitos do mundo, estando aberto às possibilidades disponíveis, como compreender, então, a doença e o adoecimento? O que torna o Ser doente?

Para entender o Ser doente, deve-se levar em conta que há um comprometimento nas relações estabelecidas com o mundo e consigo. A pessoa que perde fluidez para lidar com os conflitos e restrições da vida, sendo esta fluidez uma característica fundamental para uma existência saudável, compromete o equilíbrio do organismo, podendo acarretar no seu adoecimento. “O ser doente só pode ser compreendido a partir do modo de ser-sadio, pois todo modo de ser-doente representa um aspecto privativo de determinado modo de ser-são” (Boss, 1979, apud Forghieri, 2004, p. 53). Na doença há uma restrição, uma incapacidade de aparecimento das possibilidades de existência.

Diferente da existência saudável, o Ser doente “responde inadequadamente à determinada situação, colocando em risco a sua própria sobrevivência”. Na doença há a fixação de comportamento, sentimento e/ou pensamento, conforme declaração de Augras (1986) o indivíduo doente “permanece preso à mesma estrutura, sem mudança e sem criação”, portanto, quando ele se fixa nesta estrutura, não há desenvolvimento, nem crescimento e nem evolução.

A vida é repleta de conflitos e desafios. Os problemas fazem parte do cotidiano das pessoas, mesmo em relações saudáveis, há atritos e desentendimentos. Segundo Forghieri

(2004), o que provoca o adoecimento é o não reconhecimento e, portanto, o não enfrentamento das limitações e conflitos, mesmo a pessoa tendo múltiplas possibilidades a seu dispor. Assim, as limitações e conflitos tomam uma ampla proporção e passam a dominar a vida do sujeito. Tal concepção vai ao encontro da visão, defendida por Miller (2006), de que o adoecimento está relacionado à proibição de vivenciar e articular os sofrimentos.

Dada a importância do mundo para o Ser, o adoecimento pode retratar aspectos sociais que podem promover maneiras de viver não saudáveis. Conforme explica Giovanetti (2019), “o adoecer é um sintoma de como levamos a nossa vida, isto é, de como organizamos o nosso viver dentro da sociedade em que estamos mergulhados” (p.63). O contexto social no qual estamos inseridos pode suscitar o adoecimento, seja através de pressões, cobranças, desigualdades, ou pelo simples fato dos valores sociais não corresponderem à essência do Ser.

A sociedade atual, calcada nos princípios do individualismo- em que o eu toma lugar privilegiado em qualquer relação e o outro é visto principalmente pelo que pode oferecer, e fundamentada no consumismo- em que ter é mais importante que ser, pode dar origem a novas formas de sofrimento vivenciado pelas pessoas. Segundo Giovanetti (2019), “vão aparecer novas formas de adoecimento que necessitarão de novos tipos de cuidados” (p.48).

O adoecimento, que afeta a existência como um todo, também pode ter início em causas orgânicas e fisiológicas, por exemplo, doenças nos rins, no trato respiratório. Pode ser provocado por questões ambientais, como no caso das viroses. Pode decorrer de acidentes de trabalho, no caso das lesões por esforço repetitivo. E pode também se originar de questões psicológicas. Segundo Kepner (2000) o adoecimento psíquico “ocorre quando uma pessoa aliena o que é organicamente seu e assim desorganiza seu funcionamento” (p. 9). Mais uma vez o não reconhecimento dos sofrimentos é apontado como tendencioso no processo de adoecimento.

Como o Ser, em essência, é um ser-em-relação-com-o-outro, o movimento da sociedade atual, no qual as relações são cada vez mais rasas, provoca um distanciamento do que é mais próprio ao sujeito. Os sintomas que podem aparecer com essa perda do que lhe é característico, pode ser manifestado através de uma depressão, de um Alzheimer, de crises de ansiedade, de doenças crônicas (Giovanetti, 2019).

As doenças podem afetar as dimensões componentes do ser – a temporalidade e a espacialidade. Numa existência saudável há um livre trânsito entre presente passado e futuro.

No adoecimento estes momentos temporais podem se misturar ou, cada tempo pode passar a ter um peso desproporcional comparado ao outro, por isso, é necessário que o Homem integre presente, passado e futuro de maneira que a vivência do tempo seja articulada.

A espacialidade, considerada a partir da extensão corporal, também pode ser prejudicada. O adoecimento do corpo pode ter sua origem relativa às questões e aos conflitos psicológicos. Conforme explicita Forghieri (2004) quando as pessoas vivenciam grande contrariedade nos conflitos e restrições da vida, elas podem apresentar manifestações somáticas do seu sofrimento.

Quando essas manifestações somáticas perduram por um longo tempo, de forma frequente e intensa, elas podem restringir mais ainda a abertura as possibilidades da pessoa, contribuindo para um maior adoecimento. Sendo assim, faz-se necessário compreender melhor o que é a corporeidade e como o corpo é manifestação da existência humana.

4.2 A corporeidade

Muitas vezes as pessoas procuram ajuda de um profissional da saúde quando seu corpo começa a dar sinais de que algo não está bem. Seja por dores de cabeça que não passam, pelo ritmo acelerado do coração, pela falta de ar que aparece em momentos de crise. Procura-se por causas orgânicas e não se encontra uma explicação para tal sintoma. O próximo passo é encontrar um profissional da saúde mental que busque uma melhor compreensão deste fenômeno. Cabe-nos questionar o que são esses sintomas que aparecem no corpo? Como pode não haver causas orgânicas que provoquem tais problemas? E antes de tudo- o que é este corpo que sofre?

A forma de pensamento da modernidade é marcada pelo dualismo cartesiano, no qual há a separação da realidade interna (psíquica), da realidade externa (o corpo e as coisas relativas ao mundo). No entanto, a partir deste pensamento há uma dificuldade na compreensão da interação entre mente e corpo, o que contribuiu para o surgimento de outros campos de estudo, como a Psicossomática, por exemplo, que busca uma reaproximação e um melhor entendimento de como a mente e o corpo se influenciam (Pompeia & Sapienza, 2011, pág 76).

Apesar da força que o pensamento dualista possuiu para a humanidade, outros teóricos desenvolveram deferentes maneiras de conceber a realidade. Heidegger, através da

fenomenologia, soma sua concepção de homem e de mundo, e questiona o dualismo cartesiano. Sendo a fenomenologia um modo de pensamento que difere do pensamento dualista, ela entende o Ser como ser de abertura para o mundo: um ser-no-mundo. Por isso, o Ser existe junto às coisas e com os outros, não havendo, portanto a necessidade de separação entre interno e externo (Pompéia & Sapienza, 2011, pág. 77).

A característica fundamental do Ser é ser-no-mundo, para tanto, o Ser influencia e é influenciado pelos seus pares e pelas tantas coisas relativas a este mundo. Segundo Boss (1997), “os homens se encontram abertos ao alcance do mundo e se relacionam com o que chega deste mundo, atribuindo-lhe significados”. O Ser se relaciona com os aspectos do mundo, comunica-se com eles e desenvolve conceitos sobre este mundo. Nesta relação- ser, mundo- existe uma interdependência e uma atuação mútuas. No contato com o mundo o Ser encontra o necessário para sobrevivência, além de vivenciar experiências novas, necessárias para seu crescimento.

A existência humana, fundamentada na característica ser-no-mundo, abrange uma gama de fenômenos. Ela carrega consigo algumas especificidades que constituem a essência do Ser. Entre estas especificidades estão a temporalidade, a espacialidade, a afetividade, a finitude e a corporeidade. Conforme explicita Boss (1997), essas especificidades, ou existenciais, orientam toda conduta humana e deixam a existência ser o que ela é. A falta de algum destes existenciais impediria o homem de ser o que ele é.

Tudo o que vivemos tem um registro corporal e uma correspondência psíquica, o nosso corpo expressa a forma como nos relacionamos com o mundo. Usualmente o corpo é encarado como algo que pertence a nós, como se fosse um objeto. Desde criança aprendemos que o intelecto é a única maneira relevante para tratar os problemas humanos (Kepner, 2000). Sendo assim, esquecemos que somos um corpo e que a nossa existência perpassa pelos processos corporais, assim como pelos intelectuais.

Fundamentado na concepção de que o Ser precisa dos existenciais para existir, deve-se levar em consideração que os fenômenos humanos precisam passar pela corporeidade. O Ser é corporal, ele é seu corpo! “A corporeidade não é algo que o homem tem, ela é antes seu modo de ser” (Pompéia & Sapienza, 2011, pág 78).

A corporeidade refere-se ao corpo, ao ser corporal. Nós somos um corpo e “todo o corpóreo humano se encontra imediatamente identificado e integrado ao existir humano, sendo

da mesma natureza que este” (Boss, 1997, p. 21). Muitas vezes o corpo acusa o mal estar que o Ser está passando em sua existência.

Sendo assim, o Ser Humano é um ser holístico- corpo, pensamentos, sentimentos, emoções- tudo faz parte do todo que compõe a existência. Posto isto, Boss (1997) esclarece que “o modo de ser do homem em sua totalidade, incluindo o corpóreo, é de natureza tão singular que de nada pode ser derivada (p. 22).

Ao mesmo tempo, a corporeidade está relacionada ao mundo, uma vez que, para que haja um ser corporal, tem que existir um mundo onde este ser possa se manifestar. Conforme assegura Pompéia & Sapienza (2011), “existir é ser-corporalmente-no-mundo-junto-às-coisascom-os-outros”.

Então, o Ser é seu corpo, assim como é também seu mental. A existência do Ser está aberta para experienciar o que é inerente ao mundo. Como explica Kepner (2000), “existimos, amamos, trabalhamos e satisfazemos nossas necessidades sempre através do nosso ser físico e das nossas interações com o mundo. A experiência do corpo é experiência de si mesmo, igual ao pensamento, a imaginação e as ideias” (p.7).

O corpo impõe algumas condições ao Ser, entre elas destacam-se a condição de pequenez, a presença de necessidades, a determinação de limites, a sensação de peso e a possibilidade de experimentar a dor. As condições podem servir para provocar conflitos e sentimentos de angústia ao sujeito e, na contramão, podem funcionar como motivadoras para superação dos obstáculos.

É muito comum as pessoas terem a sensação de que não darão conta de passar por alguma situação ou de realizar alguma tarefa. Da mesma maneira, durante toda a vida há ocasiões em que o sujeito se sente pequeno frente ao mundo, aos outros e, muitas vezes, sentese pequeno em relação a si próprio. A experiência de sentir-se pequeno indica o sentimento de impotência, de não dar conta (Pompéia & Sapienza, 2011, pág 81). O corpo é a sede da compreensão de que não se pode tudo e, ao mesmo tempo ele mostra o que pode ser feito.

Outra condição determinada pela corporeidade é a de necessidade. O corpo precisa satisfazer a sede, a fome e proteger-se do frio. As necessidades do corpo atuam na temporalidade de forma imediatista, buscando a autopreservação do organismo (Pompéia &

Sapienza, 2011, pág 82). Além das necessidades fisiológicas o Ser necessita de amor e afeto, corporalmente essas necessidades podem ser saciadas através de carinho, de toque, de contato.

Os limites do corpo também são uma premissa da existência. O Ser não pode tudo, assim como o corpo não pode tudo. Segundo Pompéia & Sapienza (2011), “a corporeidade evidencia a experiência de precisar sujeitar-se e limitar-se ao que é possível aos homens”. Ao mesmo tempo em que a limitação comprova a fraqueza do sujeito, ela lhe dá identidade, uma vez que está é configurada através dos limites.

A sensação de peso, muitas vezes sentida no corpo, manifesta a imposição de algo que precisa ser suportado. Na contramão da percepção da existência como pesada, há o pensamento como peso a algo que confere equilíbrio, que torna possível o movimento em outras direções (Pompéia & Sapienza, 2011, pág 84).

A condição corporal é marcada pela dor, junto a ela aparece o medo. A existência é atravessada pela dor, que carrega consigo a falta de sentido, o vazio. Muitas vezes essa dor serve de motivação na procura de superação. Quando se agrega um sentido à dor, ela ganha características diferentes (Pompéia & Sapienza, 2011, pág 86). A dor pode ser imposta por aspectos ambientais, como em doenças e acidentes, e pode imposta, também, por outras pessoas, através das relações estabelecidas.

A temporalidade, dimensão da existência, também é sentida no corpo. O passar do tempo atua na corporeidade. Inicialmente, ele está associado ao crescimento e desenvolvimento, posteriormente, a ele estará associado à ideia de declínio e perda (Pompéia & Sapienza, 2011, pág 88).

Tudo o que podemos fazer e realizar parte da corporeidade. É no corpo também que se é sentida a experiência de prazer, através da satisfação das necessidades. Outro aspecto importante da corporeidade é que ela sustenta a manifestação dos entes do mundo (Pompéia & Sapienza, 2011).

Portanto, Ser é composto pela corporeidade, assim como pelo mental e espiritual. As dimensões que compõe a existência se manifestam no sujeito como um todo e as relações estabelecidas ao longo da vida também têm papel ativo na constituição do Ser. Conforme explica Kepner (2000), uma visão holística baseia-se no princípio que o todo é maior ou diferente da soma de suas partes, ele possui uma unidade intrínseca e uma integração da suas

partes. Na esfera humana, conceber a pessoa como um todo significa levar em conta a integração de seus vários aspectos, como corpo, mente, sentimento, imaginação e movimento, no tempo e no espaço. No adoecimento, essa concepção de todo apresenta-se como um fundamento para a compreensão de que a existência sofre por inteiro quando algum aspecto que lhe é próprio não se apresenta de forma saudável.

CONCLUSÃO

Já que o Ser é um ser holístico, cuja existência pertence a um todo, que inclui o mundo, os outros, o corpo, os sentimentos, os pensamentos e o espírito, o sofrimento do corpo está relacionado à existência como um todo. De acordo com Boss, 1979, apud Forghieri, 2004, “a essência de todos os sofrimentos humanos fundamenta-se no fato de que a pessoa perdeu a capacidade de se abrir e de se decidir livremente acerca de suas possibilidades de comportamento normal” (p. 55).

Essa impossibilidade de abertura é incoerente com a característica fundamental da existência, ou seja, do Homem ser um Ser-no-mundo. Para tanto, é imprescindível que o sujeito esteja disponível aos aspectos do mundo. Esta disponibilidade está associada à forma como as relações são estabelecidas e como elas propiciam a liberdade necessária para expressão do Ser.

Visto que o Ser humano é essencialmente construído nas e pelas relações, a primeira relação humana- entre mãe e filho, possui um papel fundamental na constituição da existência do Ser. A forma como a mãe lida com o bebê estabelece o alicerce para as outras relações, estabelecidas com outras pessoas, com o ambiente e consigo próprio. Quando a mãe confirma os sentimentos, supre necessidades básicas, demonstra um verdadeiro amor e cuidado para com o filho, há um encontro na relação que tende a desenvolver uma forma de existência saudável para a criança. Diferente disto, quando na relação materna há um desencontro, quando aspectos básicos são negligenciados, ou quando há abusos e maus-tratos, formas de adoecimento podem aparecer em diferentes aspectos do mundo.

Assim sendo, quando algum aspecto do mundo encontra-se em desarmonia com o Ser, por exemplo, quando as relações com os pares não são saudáveis, ou quando o mundo físico passa por alguma contingência prejudicial ao organismo, ou quando o ser encontra-se em conflito consigo próprio, a existência como um todo sofre e este pode ser manifestado através de sintomas no corpo. Esta manifestação no corpo pode aparecer através de enxaquecas, bruxismo, úlceras, taquicardias, dermatite, entre outros. Outras manifestações mais complexas, associadas à corporeidade, são a Anorexia e a Bulimia.

O ser na sociedade atual está cada vez mais se perdendo da sua maneira original de ser, se afastando do que lhe é mais próprio. Isto impacta a vida do indivíduo, podendo provocar desde doenças crônicas, até desarticulações psíquicas (Giovanetti, 2019).

A partir de uma concepção fenomenológica, que encara a existência como uma totalidade, busca-se o rompimento com a clássica divisão entre corpo e mente. Para Kepner (2000) esta forma de pensamento dualista pode ser superada quando o sujeito se conscientiza de aspectos negligenciados de si mesmo e, assim, as necessidades, os sentimentos e os pensamentos podem vir à tona em sua existência.

A psicoterapia pode ser uma ferramenta para que o sujeito se aproprie da sua existência, tenha consciência dos seus sofrimentos e pegue para si as rédeas da sua vida. Boss defende que “os métodos psicoterapêuticos têm por objetivo devolver à pessoa, na medida do possível, a livre disposição de suas possibilidades existenciais de comportamento que respondem aos dados do mundo” (Boss, 1979, apud Forghieri, 2004, p. 55). Na terapia o sujeito deve ser visto como um todo integrado. Ela deve proporcionar um contato deste sujeito com todos os seus sofrimentos negados e com os aspectos por vezes esquecidos da sua história, de modo a vir à consciência do Ser a sua existência integral.

A psicoterapia é um local de cuidado e cura. Através dela há a oportunidade de ressignificação das relações. A cura se dá pelo encontro na relação psicoterapêutica. A ferramenta que proporciona a cura vem pela fala, que é a portadora do Ser. A fala possui a capacidade de tornar algo presente, para tanto, a fala precisa ser testemunhada por alguém- o terapeuta. A relação estabelecida entre o sujeito e o terapeuta deve estar ancorada na confiança e ser o caminho pelo qual apareçam novas possibilidades.

No processo psicoterapêutico o sujeito tem a capacidade de se aproximar da verdade da sua vida e de si mesmo, podendo se apropriar da sua história. Quando o Ser se apropria da sua história e a aceita, ele pode retomar o sentido do que já foi vivido e perceber que o tempo está aberto às possibilidades.

Visto que o Homem é um ser holístico e que sua existência é composta por diferentes aspectos, como seu corpo, o mundo, seus pares, seu mental, seu emocional, este estudo aponta um caminho na busca do entendimento sobre o adoecimento do Ser. Dada a complexidade deste tema, muitas reflexões, questionamentos e pesquisa ainda se fazem necessários. A existência humana foi, é e continuará sendo o foco de investigações e indagações, sendo assim, muito se têm a estudar sobre o assunto, além disso, diferentes perspectivas devem ser levadas em consideração de forma a abarcar as diferentes características inerentes à existência humana.

Com este trabalho, conclui-se que, por mais que um sintoma se manifeste predominantemente em um aspecto do indivíduo, como por exemplo no seu corpo, o Ser adocece em sua existência como um todo. Muitas podem ser as origens do adoecimento, ele pode ocorrer em virtude de aspectos ambientais, pela forma como as relações entres os pares se configuram, pelas características inerentes a cada época histórica e, também, pelo contexto e pelas questões sociais que perpassam o Ser. Por isso, a maneira como o sujeito se posiciona perante as diferentes intempéries da vida pode determinar o quão saudável a existência conseguirá se estabelecer e se manter. Por fim, reitera-se a importância da psicoterapia como recurso no processo de conscientização dos aspectos adoecedores que influenciam o sujeito, podendo facilitar o entendimento de como este se posiciona frente a esses aspectos, assim como pode lhe propiciar o reconhecimento do que lhe é próprio e quais recursos pessoais lhe estão disponíveis e acessíveis para enfrentar as adversidades.

REFERÊNCIAS

- ALMA-ATA. **Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde** (Alma-Ata, URSS, 6-12 de setembro de 1978). In: BRASIL. Ministério da Saúde. Brasília, Ministério da Saúde, 2002. Disponível em:
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_alma_ata.pdf
- AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOSS, Medard. **Medicina Psicossomática: Ciência ou Magia?** Revista da Associação Brasileira de Daseisanalyse, São Paulo, 08, p.17-29, 1997.
- CARDOSO, Claudia Lins. **Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da GestaltTerapia**. Revista Psique, São Paulo, 09, n. 14, p. 47-65, 1999.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Psicologia, 2004.
- GIOVANETTI, José Paulo. O adoecimento existencial no século XXI. In CARDOSO, Claudia Lins; Giovanetti, José Paulo (org.). **Sofrimento Humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019. P. 47- 73.
- KEPNER, James I. **Proceso corporal : un enfoque Gestalt para el trabajo corporal en psicoterapia**. James I. Kepner ; pref. Por Joseph C. Zinker ; tr. por Jorge Abenamar Suárez Arana. — 1a. ed.,reimp. — México : Editorial El Manual Moderno, 2000.
- MILLER, Alice. **No princípio era a educação**. Tradução Eurides Avance de Souza; revisão da tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. Tradução de Cláudia A. Abeling-Szabol. São Paulo: Summus, 1997.
- POMPÉIA, João Augusto, & SAPIENZA, Bilê Tatit . **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.